

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR

Ana Carla Wünsch

SUBJETIVIDADES E IMPLICAÇÕES CULTURAIS NO INCENTIVO AO ESTUDO
DOS ALUNOS DA ESCOLA JUBAL.

Santa Cruz do Sul

2015

Ana Carla Wünsch

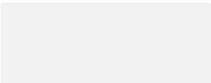
SUBJETIVIDADES E IMPLICAÇÕES CULTURAIS NO INCENTIVO AO ESTUDO
DOS ALUNOS DA ESCOLA JUBAL.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado ao programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-FACED, como requisito ao título de Especialista em Gestão Escolar, do Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica/MEC

Professor Orientador: Alexandre Silva Virginio.

Santa Cruz do Sul

2015



RESUMO

Através do recorte temático deste projeto, objetiva-se compreender as subjetividades, e implicações culturais, do modo de pensar e agir das famílias acerca das questões educacionais, havendo uma interferência muito profunda na expectativa que se cria em relação a escola. Entender as características próprias do meio, da cultura, modos de pensar e agir da comunidade escolar da Escola Estadual de Ensino Médio Sebastião Jubal Junqueira, (através de entrevistas reuniões, encontros) tem permitido repensar inúmeros pontos fundamentais da gestão, e da função social da escola, qualidade, permanência, acesso e sucesso. Na atualidade, muitas são as reflexões acerca das questões educacionais, mas em especial, este artigo encontra-se vinculado a questões muito subjetivas de minha história de vida. Considero o tema relevante, pois voltar-se a própria realidade, conhecer seu interior, analisa-la é também um modo de reconhecer avanços e retrocessos e/ou estagnações e portanto, pensar novas ações. O trabalho de conclusão de Curso de Especialização em Gestão Escolar, significa também uma mudança no olhar através de uma maior aproximação entre teoria e prática, destacada a relevância da pesquisa-ação.

SUMÁRIO

1. NOTA INTRODUTÓRIA	5
2. CULTURA E CURRÍCULO	8
3. QUESTÕES ESCOLARES	10
4. DIAGNÓSTICO DE NOSSO TEMPO	14
5. CAMINHOS DA MUDANÇA CULTURAL	19
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
7. REFERÊNCIAS	23

Subjetividades e implicações culturais no incentivo ao estudo dos alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Sebastião Jubal Junqueira.

Ana Carla Wünsch

1. Nota Introdutória.

Este artigo nasce do desejo de compreender as subjetividades, e implicações culturais, do modo de pensar e agir das famílias acerca das questões educacionais, havendo assim uma interferência muito profunda na expectativa que se cria em relação à escola, e do incentivo para com os filhos. Entender as características próprias do meio, sua cultura, expectativas e fatores históricos e/ou sociais que possam influenciar o modo de pensar, agir da comunidade escolar da Escola Jubal. Aproxima a realidade da escola com as leituras sugeridas através da Escola de Gestores, apresentado assim como trabalho de conclusão do curso. Entrevistas, reuniões, encontros, tem permitido um maior entendimento do contexto, bem como, repensar inúmeros pontos fundamentais da gestão, e da função social da escola, qualidade, permanência, acesso e sucesso.

Atualmente, muito presente no imaginário de nossas famílias, as questões culturais e históricas, ajudam a entender mais a relação escola e família, no que refere ao incentivo ao estudo, ou ainda a valorização da escola que reflete nas questões de participação.

Apresento, através deste artigo, um pouco da minha própria realidade. Enquanto aluna da escola Jubal, marcada por muita dificuldade, sem transporte escolar, sem material didático (livros e outros). Oriunda de família pobre, com dificuldade em custear transporte, e outros, por inúmeras vezes tendo que ir para casa caminhando em torno de 5 Km, por não ter condições de pagar a passagem de ônibus. Traduzo, ainda nestas mesmas palavras a realidade de muitos colegas da época, mas com um grande diferencial, o incentivo por parte da família. Incentivo este não material, devido precárias condições financeiras (até os livros eram emprestados), mas na essência que a palavra traduz, meu pai dizia todos os dias, “posso não dar para vocês bens materiais mas faço questão de dar o estudo”. Quisera que hoje todos os pais tivessem a escola como um bem importante.

O tempo passou, e fui desejando ser professora, lembrando-me sempre com muito carinho dos grandes mestres que encontrei, mas em minha memória o constante desejo de contribuir, repensar e de alguma forma transformar e/ou entender muitos dos “recortes” presentes em meu pensamento, assim algumas das subjetividades sugeridas pelo tema estão vinculadas a questões muito pessoais, na minha própria caminhada, como aluna, filha, professora e gestora.

Considero o tema relevante, voltar-se para a realidade e permitir-se pensar os avanços e retrocessos e/ou estagnações, e, portanto propor novas ações é, sem dúvida, uma maneira de modificar e qualificar o espaço escolar. Abrir o baú de minha própria história é reforçar o vínculo de sentir-se parte, é reforçar ainda mais o compromisso com a “minha” escola. Conforme apresenta PEREIRA (2011, p.134), “[...] É importante lembrar que o gostar, o querer, o respeitar, o cuidar, estão estreitamente ligados ao sentir-se pertencendo a algum lugar [...]”.

Gostar de estar na escola é dar valor, hoje, enquanto profissional, optei estar na Jubal. Do mesmo modo, acredito que se pais e filhos desenvolvessem o sentido de “estar” e “sentir-se parte”, o trabalho na escola seria mais eficiente. Do desejo de entendimento das “entrelinhas”, das “subjetividades” é que nasceu esta pesquisa.

As intervenções sugeridas por este projeto situaram-se sob o viés de pesquisa-ação, conforme Stephen (p.445)

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos, mas mesmo no interior da pesquisa-ação educacional surgiram variedades distintas.

Considero apropriada esta abordagem por considera-la pertinente a minha problemática, e por permitir uma maior aproximação com a realidade. O projeto desenvolvido através de base empírica, utilizou-se de diferentes instrumentos, conforme cada etapa. Reunião com a equipe pedagógica, encontro com os diferentes segmentos, questionários, entrevistas, atendimentos realizados via Serviço de Orientação Educacional, depoimentos, palestras de incentivo a participação, eventos que reconheçam e valorizem a participação de alunos e pais, rebuscando fazeres cotidianos. A pesquisa ação é metodologia comum em projetos de pesquisa educacional, possibilitando refletir sobre ações da realidade. Com essa aproximação da realidade, lancei-me a interpretar alguns dados, e compreender melhor todas as variáveis encontradas, abri um campo de visão diferenciada, considerando possibilidades nunca antes pensadas. Algumas interpretações emergem daquilo que não está dito, mas que está muito presente nas subjetividades, ou seja, nas entrelinhas das relações que se configuram no âmbito escolar.

Dadas as considerações, proponho analisar as questões escolares no âmbito da comunidade, sob o viés da cultura local, da organização da escola e do planejamento.

Possibilita o tema pensar o que denomino de caminhos de mudança, através da projeção de algumas ações a partir da realidade da escola.

1 – Cultura e Currículo

Muito temos da cultura que nos cerca, valores, normas, crenças, modelos, que influenciam opções de vida, modos de pensar, interpretar e representar o mundo. Valorizar e reconhecer a importância da esfera cultural para compreender melhor a problemática apresentada por este projeto, é também entender as suas implicações no processo de escolarização dos filhos e/ou famílias que compõem a Escola Jubal.

A bagagem herdada da família seria o capital cultural na sua forma “incorporada”, ou seja as subjetividades. Segundo Nogueira (p.21),

[...] Cabe, desde já observar que, do ponto de vista de Bourdieu, o capital cultural constitui (sobretudo, na sua função incorporada) o elemento da bagagem familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar[...]

Há necessidade de construir uma relação de intervenção na própria escola, e constituição de uma proposta de aproximação dela com a família, criar e estabelecer compromisso e acordos mínimos, criar uma parceria que possa substanciar o papel da família no desempenho escolar dos filhos e reforçar o papel da escola na construção da aprendizagem dos alunos, tornar paralelos os papéis de pais e professores.

De acordo com Sacristán (2000, p41-42),

O importante do currículo é a experiência, a recreação da cultura em termos de vivências a provocações de situação problemáticas [...] a concepção do currículo como experiência do aluno nas instituições escolares”. O currículo atende um planejamento, mas nem sempre todos os resultados são plenamente satisfatórios.

Como consequência desta reflexão, rebuscamos algumas questões que envolvem o planejamento da escola e a participação das famílias. Foco do Projeto de Intervenção culminou com várias ações no âmbito escolar, cito, reuniões, processo eleitoral com Círculo de Pais e Mestres, revitalização do Grêmio Estudantil (trabalho de minha colega de curso), conversas individualizadas com pais e alunos, entrevistas, organização do cronograma da jornada pedagógica, reuniões administrativas e inúmeras ações voltadas a uma participação mais efetiva de todos os segmentos.

Para Perestrelo (2001, p. 49), “ [...] A cultura escolar revela os saberes e saberes-fazer, hábitos e atitudes que não pertencem propriamente à escola ou às pessoas da escola [...]”. Nesta interpretação é possível entender que a história das mentalidades, apresentada de forma muito sutil, muito tem a ver com as questões “subjetivas” presentes no contexto escolar. Muitas vezes não há uma compreensão das entrelinhas, não entendemos muito do comportamento e ou atitudes e até mesmo manifestações de nossos alunos.

Segundo a definição de cultura escolar, de acordo com Perrenoud (1984), ultrapassa o sistema de ensino, ainda que o mesmo seja um lugar privilegiado, não apenas para a sua transmissão, mas para sua formalização.

Considerado desta forma, supomos que muito das nossas ações e comportamentos são provenientes da influência da família, ou seja da cultura que nos cerca. Dito de outra forma, de nosso capital cultural, muitas vezes incorporado de maneira inconsciente. Esta herança cultural difere de acordo com o espaço social, e das relações que o indivíduo mantém dentro de seu grupo. Conseqüentemente, a trajetória escolar ou profissional também pode estar influenciada pela cultura das famílias, assim trataremos desta questão na sessão subsequente, através de uma interpretação contextualizada, ou seja no âmbito da escola e/ou família.

Ainda entendendo a educação como direito, cito, Carlos Roberto Cury, que refere importante reflexão acerca da função social da educação, como direito, qualidade, acesso e permanência, remetendo ainda ao importante papel do gestor. Ponderando que as questões subjetivas nos sugerem uma análise aberta, sem oferecer conclusões absolutas, mas pelo contrário sugerem inúmeras possibilidades de entendimento. No caso particular deste PI, também é necessário buscar o que se diria “imparcialidade”, pois quando estamos inseridos em um contexto precisamos considerar as milhares de possibilidades de análise, neste sentido, os textos fizeram com que se pudesse pensar a questão da participação voltada a várias hipóteses, o que particularmente tem me envolvido bastante.

2. Questões Escolares

Hoje, enquanto professora e membro da equipe diretiva, entendo que a escola passa por processo de democratização, em que o processo de Gestão Democrática é fundamental. Segundo a Constituição de 1988 em seu artigo 205, a educação brasileira direito de todos e dever do Estado e da família, promovida e incentivada com colaboração da sociedade, visando pleno desenvolvimento da pessoa, para exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Entende-se que o Estado deve garantir o acesso, a permanência e o sucesso dos cidadãos à educação escolar básica. Para tanto, a participação de todos os segmentos passa a ser primordial.

Contextualizando a realidade da Escola Jubal, é possível compreender melhor algumas das questões subjetivas presentes no comportamento e perspectiva das famílias. As famílias que compõem a comunidade escolar da escola, deixam transparecer em seus discursos algumas questões a serem consideradas para esta análise. Proponho uma reflexão em relação ao “sentido de pertencimento”. Menciono pais, professores, alunos e funcionários, em alguns casos mesmo fazendo parte do corpo docente e discente da escola, ainda não sentem-se integrantes ou agentes transformadores da realidade.

Assim, para implementar o processo de Gestão Democrática há alguns obstáculos, muito pertinentes a análise da realidade posteriormente apresentada. É inviável pensar em democracia sem que seus sujeitos estejam dispostos para exercê-la. Democracia, apresentada neste artigo como, envolvimento, responsabilidade, participação e comprometimento. Idealizamos uma participação mais efetiva de todos os segmentos, mas na prática, ainda estamos aquém do que desejamos.

Na prática, há fatores limítrofes, que não deveriam ser justificativa, mas que muitas vezes, interferem numa participação mais efetiva. Considerada a questão cultural e de localização, a escola enfrenta dificuldades no sentido de fazer SENTIR-SE PARTE, ou seja de “fazer” com que os alunos e famílias sintam-se realmente como parte integrante, com vínculos, com identidade com a escola. Reunimos em nossa escola alunos de mais de 25 localidades, distantes e de difícil acesso, dependendo quase que exclusivamente do transporte escolar (em torno de 90% dos alunos), tendo inclusive horário diferenciado em função desta complexa logística de transporte.

Com uma mescla “cultural”, (alunos de muitas localidades, inclusive muitas distintas, quanto a questões culturais e econômicas), é preciso estar sempre atento para que os direitos dos indivíduos sejam respeitados. Também é preciso referir ao processo de inclusão em alguns casos

os próprios professores ainda dizem não sentir-se preparados mediante os desafios cotidianos, a maioria não conhece a realidade dos alunos. Os alunos por sua vez também relatam sentir-se perdidos, pois precisam criar vínculos, inclusive de amizade, em algumas turmas temos alunos de localidade muito distintas, e as vezes é complicado lidar com o diferente. Pensar a realidade da escola voltada a seu contexto, pautando as diferenças, remete nos a questão da crítica cultural, e indiretamente as perspectivas de cada aluno em relação a escola.

Como exemplo podemos citar o texto “Educação escolar e cultura(s):construindo caminhos, de Antonio Flávio Barbosa Moreira e Vera Maria Candau, que faz interessante reflexão sobre a cultura, fazendo paralelo entre visão de cultura, escola, ensino e aprendizagem.

A problemática da cultura é inerente a todo processo educativo, ao pensar a questão cultural, associada a questão familiar e também de currículo, apropriei-me do conceito apresentado por Bordieu, que fala das subjetividades de cada indivíduo, define, “capital cultural herdado”, inclui componentes objetivos, externos ao indivíduo, conjunto de relacionamentos sociais, capital cultural. A bagagem transmitida pela família, passam a fazer parte da subjetividade do indivíduo, incorporado, a chamada “cultura geral”, gostos em matéria de artes, culinária, decoração, vestiário, esportes, domínio da linguagem culta e informações sobre o mundo escolar, denominada a “bagagem familiar”, que poderá ter impacto na vida escolar.

Segundo Bourdieu, conforme Nogueira (p.5) cita em seu texto

[...] o indivíduo, em Bourdieu, é um ator socialmente configurado em seus mínimos detalhes. Os gostos mais íntimos, as preferências, as aptidões, as posturas corporais, a entonação de voz as aspirações relativas ao futuro profissional, tudo seria socialmente constituído[...]

No caso de nossas famílias, é perceptível que aqueles que possuem maior acesso a informação e/ou conhecimentos diversos possuem maior facilidade e de certa forma estão favorecidos em relação aos colegas que encontram-se mais isolados. Muitas vezes, facilitando a aprendizagem de conteúdos e códigos escolares, constituindo-se como ponte entre o mundo familiar e cultura escolar, sendo uma continuação da educação familiar, enquanto para outros seria distante, estranho sem significado.

Pensando na responsabilidade social de nossa escola, através de nossa Jornada Pedagógica, fez-se ainda uma reflexão acerca do processo de avaliação e currículo.

Cobra-se linguagem culta, maneiras de se comportar, curiosidade intelectual, disciplina e cumprimento de muitas regras de “boa educação”, encontra-se dificuldades pois tais regras podem ser plenamente atendidas por quem foi previamente socializado, cabendo este papel as famílias.

Importante considerar as sutilidades e subjetividades relacionadas as estruturas de poder e hierarquias, que são importantes para um futuro profissional, podem interferir nas escolhas do filhos (na pesquisa em questão os sonhos, as possibilidades, as “ambições” das famílias em relação ao futuro de seus filhos, as perspectivas e o incentivo). O meio, o contato social dos indivíduos pode ter contribuição muito importante, o contato pessoal, com amigos, parentes...dada a importância do capital econômico e social para a acumulação, meio auxiliar para o desenvolvimento do capital cultural.

As condições econômicas podem ser um meio de acesso a determinados estabelecimentos de ensino ou mesmo a bens culturais (viagens, teatros, livros...), mas a valia destas experiências está sempre condicionada a um capital cultural previamente adquirido. Considerados também os fatores históricos, de experiências, denominados aqui conhecimento prático, assim esse conhecimento esta embasado em uma realidade social concreta, através da ação condicionando o que é possível ou não de ser alcançado, formulando estratégias que seriam incorporadas pelo grupo como parte do seu *habitus*.

Segundo Nogueira (p.20),

“ [...] a partir de sua formação inicial em um ambiente social e familiar que corresponde a uma posição específica na estrutura social, os indivíduos incorporam um conjunto de disposições para a ação típica dessa posição (um *habitus* familiar ou de classe) e que passaria a conduzi-los ao longo do tempo e nos mais variados ambiente de ação.

As ações do indivíduo não seriam de modo mecânico, ou seja a estrutura social conduziria as ações individuais e tenderia a se reproduzir através delas.

Voltando a análise para o viés educacional, segundo Nogueira (p.20).

Cada indivíduo passa a ser caracterizado por uma bagagem socialmente herdada. Essa bagagem inclui, por um lado, certos componentes objetivos, externos ao indivíduo, e que podem ser postos a serviço do sucesso escolar. Fazem parte dessa primeira categoria o capital econômico, tomado em termos dos bens de serviços a que ele dá acesso, o capital social definido como o conjunto de relacionamentos sociais influentes mantidos pela família, além do capital cultural institucionalizado, formado basicamente pelos títulos escolares.

Há uma indicação de que os grupos sociais transferem suas experiências de sucesso e fracasso, construindo assim suas perspectivas, expectativas, mesmo que de forma inconsciente. Nas entrelinhas, percebe-se que o investimento em relação ao estudo também será conforme interpretam as possibilidades de êxito e à medida que veem a educação como investimento.

Do mesmo modo, limitada a curiosidade intelectual, falta o incentivo, entendido através da falta de envolvimento dos pais, mas também pela ausência de rotinas de estudo, hábitos de

trabalho, atitudes de aprendizagem, incentivo à leitura e escrita, e subjetivamente a uma visão de futuro, perspectiva de superar a realidade, de conhecer o novo, de desafios, de vontade de transformar.

O papel dos pais no estudo dos filhos é fundamental. Este acompanhamento possibilita que os jovens possam organizar-se, sendo importante para o crescimento do aluno a medida que passa a sentir-se protegido e valorizado. Por outro lado, o discurso dos pais apresenta a impossibilidade de ajudar aos filhos, alegam que por não terem estudo, ficariam impedidos de ajudar seus filhos. É, preciso desmistificar esta ideia, pois o incentivo não necessariamente passa pela questão de saber ou não determinado conteúdo.

Para SOUZA, (2011, p283), em seu livro, “A Ralé Brasileira: quem é e como vive”, a família teria um papel fundamental na escolarização dos filhos conforme cita,

Esses pais são capazes de demonstrar importância social e simbólica ao que é escolar, de atribuir um lugar efetivo e valorizando dentro do seio familiar a criança que estuda. É graças essa carga afetiva que os pais transmitem aos filhos juntamente com a vigilância e os incentivos (principalmente aqueles que eles transmitem espontaneamente através de seus exemplos vivos.) a favor dos estudos.

Apresenta questionamentos muito interessantes sobre o acompanhamento da família em relação a escolarização dos filhos, indiferente das condições econômicas ou de conhecimento, exemplifica Souza (2011. P.289),

Dona Mara, apesar de ter terminado o ensino médio, jamais tivemos estudos uma fonte de reconhecimento e autoestima, o que a fez “escolher” se dedicar unicamente ao trabalho do lar e à criação dos filhos. Seu Evaldo estudou até a oitava série do ensino fundamental e nunca teve muita proximidade com os livros, mas, assim como sua esposa, sempre os incentivou a se dedicarem aos estudos, fazendo o máximo que estava ao seu alcance para aqueles tivessem sucesso na escola...o máximo... que podiam fazer era vigiar as tarefas escolares dos meninos, regular seus horários para que tivessem um tempo reservado aos estudos e, o mais importante: sofrer com cada nota baixa no boletim, deixando transparecer para os filhos a alegria e o orgulho que sentiam quando iam bem no colégio.

Esse componente afetivo que os pais direcionam à vida escolar dos filhos, é decisivo para a grande maioria dos processos de aprendizagem bem sucedida. No mesmo livro o autor apresenta uma definição de família, importante para a interpretação de seu papel perante a escola. Entendida, como “quando falamos de vida familiar organizada estamos nos referindo a qualquer configuração familiar que seja constituída por pessoas capazes de oferecer uma situação de vida segura, estável e emocionalmente equilibrada.” Destaca que uma família organizada não necessariamente precisa estar centrada na figura biológica do pai e mãe, mas sim que cumpra a função de amar, proteger e cuidar, garantindo ambiente seguro e emocionalmente equilibrado.

O acompanhamento dos pais possibilita uma melhora nos resultados escolares e também uma maior valorização da escola, pais e professores aprendem a apoiar-se mutuamente.

3- Diagnóstico de nosso tempo.

Pensando na interferência das famílias no que se refere ao estudo dos filhos da escola Jubal, há um ponto de superação, a não valorização do estudo por parte significativa das famílias. É muito pertinente uma questão cultural, muitas famílias ainda acreditam que para sobreviver no meio rural não é necessário ter estudo. Conforme relatos, preferem deixar para seus filhos bens materiais é comum usarem em seus discursos a afirmação: “te dou uma moto se ficar em casa para me ajudar” e ainda “para ficar no meio do mato não estudar”, muitas vezes dito em língua alemã, e em alguns casos com tom de revolta. Sugere a ausência de perspectivas de futuro, desmotivação, muitas vezes justificada pela falta de incentivo para com a agricultura ou pelas dificuldades em trabalhar nas propriedades (relevo que não permite uso de máquina e cultivo de fumo exclusivamente), assim, precisam dos filhos em casa para ajudar no trabalho.

Entendidos, os dificultadores, com limitação quanto à localização, temos também dificuldades em relação à comunicação, não há sinal de telefonia, internet e outros. Não possuem acesso à assinatura de jornais, revistas, restritas também as relações, convivem em sua maioria com as pessoas da própria localidade, raramente tem possibilidade de realizar viagens, ir ao cinema, teatro e outros, e em alguns casos ainda, com limitados recursos financeiros e conseqüentemente também ausência perspectivas claras de futuro. Indagados os alunos na maioria das vezes não projetam seu futuro pautado em sonhos, percebe-se uma acomodação, sem perspectiva de atuar em seu cotidiano, não havendo incentivo para continuarem os estudos.

Ressalto que apesar de termos presentes estes discursos nosso índice de evasão é baixo, temos como princípio em nossa escola tentar resgatar nossos alunos até esgotar todas as possibilidades. Ainda há outro fator que pode ser considerado que faz com que os alunos fiquem na escola, o controle das fumageiras em relação a frequência, semestralmente informada pela escola. A frequência está ligada a liberação de adubo para plantio de tabaco, sem discutir o mérito da questão, bem ou mal, tem nos ajudado a manter nossos alunos na escola. Pais contam “precisam vir para a aula, senão não ganhamos adubo”. Em alguns casos, também contamos com as articulações institucionais e/ou parcerias envolvendo conselho tutelar, assistência social, promotoria, visando manter os alunos na escola.

Destacada a importância da família para o estudo e acompanhamento dos filhos, além de criar condições favoráveis a aprendizagem, é importante adquirir livros, ler para os filhos, visitar bibliotecas, museus e teatros. Se o gosto pelo estudo está ausente e se a família não valoriza o trabalho da escola, será difícil que se transforme em algo positivo, podendo ser fator de desmotivação.

Precisamos resgatar e valorizar o papel da família em relação a escola, conforme, Ana Picanco, “ [...] os alunos ficam motivados para dedicarem mais tempo ao estudo e os pais ficam a compreender e a apreciar melhor todo o trabalho dos professor ao mesmo tempo que melhoram sua função educativa[...]”. É inegável a importância da família para a valorização e incentivo do estudo aos filhos, na mesma linha de pensamento, segundo Marques (2001, p.108), citado por Ana Picanco, [...] os pais podem ter um papel determinante na fixação de expectativas realistas e de normas de conduta corretas no desenvolvimento da curiosidade intelectual e no aumento do gosto pela aprendizagem [...]

Uma boa articulação entre família e escola pode por outro lado ajudar a superar as dificuldades e contribuir para a aquisição ou qualificação de hábitos de estudo. Valorizar a escola, interessar-se pelas atividades realizadas, ajudar os filhos a organizar-se, elogiar, incentivar, são formas de os pais ajudarem os filhos a sentirem-se valorizados e sentirem gosto pelo estudo.

Ao mudar o foco do olhar, é pertinente analisar a própria estrutura e organização da escola, que ainda está muito vinculada ao discurso da Modernidade. Período de racionalização e codificação do saber científico, processo de institucionalização, organização da sociedade com bases racionais.

Podemos notar que a escola ainda está muito vinculada a esta visão, a organização do espaço das salas de aula, os prédios, o horário, as relações de poder, o olhar atento, racionalizar a experiência humana.

Tendo como base uma sociedade disciplinar, a escola passa a ser um dispositivo de poder, em que uma forma de saber, analisa a eficiência da instituição escolar no processo de produção de saberes sobre o sujeito e ainda pode produzir uma subjetividade submissa aos dispositivos disciplinares. Considerado o pensamento de Foucault na obra intitulada “Vigiar e punir”, é possível afirmar que no interior das estratégias disciplinares encontra-se também uma situação de identidade com outras instituições- prisão, hospital, fábrica – responsáveis pela produção de saberes específicos, capazes de produzir novas subjetividades. Assim, sugere um novo modelo educativo, onde o poder disciplinar produz um certo tipo de saber.

Sua pesquisa evidencia, que na modernidade, o homem é resultado do saber moderno, assim a escola é um local de articulação dos poderes e dos saberes na produção do sujeito.

Ainda há vínculos de poder muito presentes, o professor mostra-se enquanto autoridade, sem que possa ser questionado, fator este que muitas vezes reprime a participação.

Flagrar algumas questões que envolvem professor e aluno, no que tange a questão dos limites, conseguiu revelar-me pontos importantes sobre a questão do poder dentro da instituição. Através da análise de normas internas, pude remeter-me também as relações humanas, que influenciam diretamente a questão da participação dos alunos. Assim, é possível observar aquilo que nem sempre está dito, os olhares, os discursos, as reações, as manifestações, oportunizam momentos de reflexão.

Pensando em atendimentos realizados pelo SOE, há possibilidade de analisar e refletir sobre a falta de limite, problemas de indisciplina, frequentemente encaminhado pelos professores. Cabe aqui uma reflexão, segundo o argumento dos professores, o problema estaria na família, o que por inúmeras vezes é pertinente, pois muitas de nossas famílias não acompanham seus filhos.

Contudo, esta idéia não pode ser interpretada como absoluta, há também aquelas aulas, muito distantes do interesse dos alunos. Uma escola muito marcada por questões disciplinares, e relação de poder muito forte. Seriam estes fatores que influenciariam o sentir-se parte? Sentir-se enquanto sujeito?

Neste sentido, Foucault (2001, p.125) menciona que “disciplina é a arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas que os distribui e os faz circular numa rede de relações”.

Essa relação reproduz uma organização social, mas também limita a iniciativa dos alunos, bem como inibe o poder de organização e participação. A postura de individualização, lado a lado, em fila, aos olhos do professor, promove o silêncio.

Segundo Foucault (2001, p.126)

Haverá em todas as salas de aula lugares determinados para todos os escolares de todas as classes, de maneira que todos os da mesma classe sejam colocados num mesmo lugar e sempre fixo...Cada um dos alunos terá seu lugar marcado e nenhum o deixará nem trocar sem a ordem ou o consentimento do inspetor das escolas.

Entendido, nas entrelinhas, a relação de poder. Como efetivar o processo de transformação?

A escola ainda não está preparada, muitos professores ainda acreditam que disciplina é sinônimo de manter a autoridade. Queremos alunos participativos, com argumentos, que questionem, que saibam expor suas ideias e defendê-las com clareza e objetividade, mas, não damos abertura para questionamentos. Precisamos manter o controle máximo de tudo que ocorre na sala de aula, através de uma relação autoritária. Neste caso, as regras podem ser avaliadas, como forma de limitar e/ou oprimir. Construídas através da participação e opinião dos envolvidos, asseguram ou pressupõem responsabilidade. Através de uma intervenção simplesmente disciplinadora, podemos limitar as vias de participação, bem como a autonomia de nossos alunos. Ou, dito de outra forma, talvez fica impossibilitado criar proximidade com a escola, assim remete ao questionamento, será que a escola está sendo ambiente acolhedor para a aprendizagem?

Há uma dicotomia entre o Projeto Político Pedagógico e a realidade. Ao mesmo tempo o projeto defende o exercício da cidadania, observa-se incoerências, muitas vezes os sujeitos não estão cientes de suas responsabilidades, direitos e deveres, que favoreceria uma prática democrática. Existe uma distância entre teoria e prática.

Segundo Vasconcelos (1998, p.24) “[...] Ser agente de transformação implica, com efeito, a capacidade de criar condições para a mudança da realidade [...]”

Conhecer a realidade e as características dos alunos, favorece uma atuação mais autônoma, um trabalho mais significativo e próximo da realidade, afim de interferir de forma positiva, com perspectivas de mudança.

Na maioria das vezes o professor alega estar sozinho, não encontrando apoio na comunidade educativa, buscando o seu apoio na relação com o aluno e trabalho em equipe. Almejamos uma escola mais próxima da realidade. Na escola Jubal, a maioria dos professores desconhece a realidade. Provenientes do meio urbano, ignoram e/ou desconhecem a realidade da região, modos de vida, dificuldades, limitações, e necessidades, conseguindo na maioria das vezes interferir limitadamente sobre esta realidade, a medida que os conteúdos por algumas vezes tornam-se pouco significativos.

Nas queixas dos professores está presente o desejo de que o aluno tenha autonomia, participe, tome iniciativa e desenvolva seu trabalho, e construindo seu saber. Como bem diz o logo de nossa escola, “construindo saberes, conquistando o mundo”. Quer-se um aluno que desenvolva a capacidade de organização, e encontre alternativas para os problemas de seu cotidiano.

De acordo com esta perspectiva, desenvolver autonomia é reivindicar, ter opinião, argumentar, entender e participar, assim os limites dentro da escola, perpassam também pela questão da autonomia. A autonomia como meio de formar pessoas atuantes, críticas e que vejam possibilidades de transformar.

Nestes termos, professor e aluno, conseguem desenvolver uma maior autonomia através de suas relações interpessoais, do estabelecimento de relações e aceitação de si e do outro. De limites claros, de respeito, de pertencimento e de compromisso com o meio.

Para Freire, (1998, p.66): “ [...] o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros [...].

Por acreditar que, “planejar, observar, agir e refletir”, são princípios fundamentais para o desenvolvimento de quaisquer pesquisas. Surgiram questões muito pertinentes ao desenvolvimento da pesquisa e principalmente relacionadas ao modo de pensar e agir, acerca do conselho de classe, em nossa escola realizado até então, de maneira “representativa”. O SOE, através de conversa com as turmas realizava um diagnóstico, apresentado na ocasião do conselho, professores apresentavam suas conclusões e após retorna aos alunos. Mediante questionamentos do que a comunidade entende por participação, das limitações, do significado e relevância do tema para a ação, passamos a reformular o conselho de classe. O conselho de classe participativo, na avaliação de professores e alunos constituiu-se em momento muito importante dentro da escola, aproximando professores e alunos.

4. Caminhos de mudança

Nestes termos, há uma tentativa de superar a realidade, pensando também na participação das famílias através de atividades culturais, palestras ou falas de formação, atividades de integração e passeios, dito de outra forma através da proximidade, do sentido de pertencimento da família e escola. O desenvolvimento do trabalho, proporcionou pensar sobre questões anteriormente intocadas, e também uma maior aproximação com os diferentes segmentos da escola. Sugeriu muitos momentos de reflexão, inclusive sobre o processo de gestão, contribuindo para a elaboração do plano de gestão para os próximos três anos.

Referir e propor momentos de participação para os diferentes segmentos teve por finalidade também “nas entrelinhas” deixar claro que a escola é importante para o desenvolvimento pessoal de cada “membro”, e também para a região na qual está inserida. Sob esta perspectiva também tem se buscado parcerias com as entidades e empresas da região e com ex alunos, no intuito de mostrar que muitos, embora oriundos também de uma realidade pobre e de poucos recursos, conseguiram hoje ser bem sucedidos, e mesmo que tiveram que lutar muito para poder chegar até a escola não desistiram. Destacam e reconhecem o papel da escola e da família, orgulham-se dos ensinamentos recebidos.

Através da ilustração de uma realidade, acredito que precisamos evoluir, buscando superar o obstáculo de SENTIR-SE PARTE, de SENTIR-SE como peça fundamental para um processo de mudança. Hoje, enquanto integrante da equipe gestora tenha a plena convicção de que deve haver um trabalho conjunto, onde cada um dos membros é importante para o todo. Este trabalho deve ser realizado com dedicação e alegria, assim tem se maior possibilidade de sucesso. Alegria, paixão, dedicação, planejamento, amor ao trabalho, também é fator que impede o sucesso em muitas de nossas salas de aulas, pois, em alguns casos há a ausência deste sentimento por parte de alguns professores, o que torna o trabalho desgastante e desmotivador.

Destacada a relevância deste PI, através de seu recorte temático foi possível refletir sobre uma realidade e temas ainda não tocados, bem como entender melhor o comportamento de muitos de nossos alunos, suas subjetividades, muitas vezes veladas e muito sutis, possibilitando inúmeras e ricas reflexões, inclusive com os alunos (mesa redonda, conversas, entrevistas). A discussão de algumas questões do PI, conduziu o repensar do conselho de classe, que por ora passou a ser participativo, a experiência fora avaliada pelos professores e alunos como sendo muito positiva. Do mesmo modo através de encontro com alunos também houve sugestões quanto a organização da escola, no que refere a assinatura de jornais e revistas que são também

disponibilizados para as famílias. Vale destacar, que as questões que referem ao uso de internet também foram apontadas pelos alunos, visto que na escola é o único local que tem acesso, destacam que consideram um incentivo para vir as aulas. Particularmente, algumas questões sugeridas nas conversas e trabalho com segmentos, não haviam nem sequer sido pensadas ou tomadas como irrelevantes, e, hoje há um entendimento de que são muito importantes.

Retomados também pontos importantes gestão, a função social de nossa escola, qualidade, permanência, acesso, sucesso, importância do PPP e principalmente avaliar e reavaliar nossa função enquanto gestor da escola. Enfim, é preciso acreditar cada vez mais no trabalho em equipe, na dedicação, na troca de idéias e experiências, no trabalho em conjunto com todos os segmentos, sendo este ainda nosso grande desafio.

Creio firmemente em uma participação mais efetiva dos diferentes segmentos da escola, mas em alguns momentos não havia um entendimento sobre algumas questões que eram apresentadas e ou interpretadas de forma muito simples. Os momentos de reflexão, e a avaliação dos pontos críticos, fora o momento crucial para uma maior aproximação da realidade e possibilidades de intervenção. Reforçada a ideia de que é possível sim produzir “mudanças” (ação), e também “compreender” (pesquisa), a realidade e as subjetividades presentes em cada uma das reações e comportamentos de nossos alunos e talvez, através deste entendimento, buscar e chamar a comunidade para uma maior participação, assim fazer com que nossa escola seja referência para a região.

Atualmente, criando momentos que valorizem os diferentes sujeitos, para que possam sentir-se como peça fundamental para um processo de mudança. Busca-se dar maior significado para a escola. Com expectativa muito positiva em relação ao processo eleitoral do Círculo de Pais e Mestres, onde percebo muito presente a vontade de participação, a empolgação e a preocupação por um escola melhor. Enquanto gestora, acredito que há um grande trabalho a ser realizado, mas que estamos no caminho certo, e que muitas realizações serão possíveis.

5. Considerações finais

Pensando a realidade de nossa escola é possível perceber que as estruturas sociais se reproduzem, pois os próprios indivíduos tendem a reproduzi-las, agindo de acordo com o que foi incorporado pelo indivíduo, e que esta ação não seria simplesmente mecânica. Não constituindo-se em normas rígidas, mas em princípios para a ação que precisam ser adaptados, através de uma ação dinâmica. Não é nem o indivíduo isolado, consciente, reflexivo, nem o sujeito determinado, mecanicamente submetido a objetividade. Cada sujeito passa a ser caracterizado por uma “bagagem socialmente herdada”, que vai interferir em seus modos de pensar e agir.

Olhando para trás, vejo que hoje, este discurso é muito verdadeiro. Busquei algumas respostas através de minha própria trajetória enquanto aluna, filha e hoje professora da escola Jubal. Vejo, que houve avanços e retrocessos.

Busquei resposta também na trajetória escolar de muitos de meus colegas e vejo muito claramente o quanto o fator cultural e o incentivo, podem determinar as escolhas pessoais de cada um. Percebo o quanto a influência da família pode ser crucial para o sucesso escolar. No caso de muitos dos meus colegas, elencaram outras prioridades, a maioria não concluiu o ensino médio, preferiram os bens materiais ao seguirem os estudos. Em sua maioria a família não desejou permitir estudarem, na época a escola mais próxima distante uns trinta quilômetros, e com custo de transporte e livros. Através desta retrospectiva avalio o avanço da Escola Jubal, temos transporte pago pelo poder público, livros e rotas de transporte na maioria das localidades, o que possibilita o acesso dos alunos a escola. Desde 2001, a Escola Jubal oferece ensino médio, outrora, existente somente no centro da cidade, e com poucas linhas de ônibus.

Busquei respostas também, na atuação dos professores, quanto a sua prática, quanto as competências que permitem conhecer melhor o seu aluno, avaliei-me enquanto profissional também.

Acredito que é importante desenvolver um “novo olhar” quanto ao papel de escola. Assim, em nossa jornada Pedagógica para reelaboração de nosso Projeto Político Pedagógico tratamos de questões muito pertinentes (relação professor aluno), a escola que temos e a escola que queremos. Momento importantíssimo, desafiador, resultou em uma proposta que busca contemplar mais a realidade, e entender melhor alguns dos anseios de nossos alunos.

Enfim, este trabalho tem sido de muita valia, possibilitou repensar a escola sob o olhar dos diferentes segmentos, bem como refletir sobre o papel da escola em seu contexto, implementando inclusive o plano de gestão para os anos subsequentes. Considero que minha história pessoal será constituída de mais um capítulo. Enquanto gestora o desafio será ainda maior e mais complexo, aproprio-me das palavras de Cury, que refere que “a escola é um espaço de construção democrática”, portanto, de muita responsabilidade.

REFERÊNCIAS

- ANDOLFI, Maurício. Por trás da máscara familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, Tradução: Maria Cristina R Goulartt, 1984.
- ARIES, Philippe. História Social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BORDENAVE, Juan E. Dias. O que é participação. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre, O Poder Simbólico, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.
- CANDAU, Vera M. F. Direito à educação, diversidade e educação em direitos humanos. Educ. Soc., v. 33, n 120, jul-set/2012, p. 715-726.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. O direito à educação: um campo de atuação do gestor educacional na escola. Disponível em [http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs.Sala Tópicos Especiais](http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs.Sala_Tópicos_Especiais).
- FOUCAULT, Michel, Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1999.
- FREITAG, B. Escola, Estado e sociedade. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- GADOTTI, Moacir, Educação e Poder. São Paulo : Cortez, 1988.
- KALOUSTIAN, S. M. (Org.) Família Brasileira, a Base de Tudo. São Paulo: Cortez, 1988.
- LE GOFF, Jacques. As mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre (Org.) História: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p.68-83.
- LEFEBVRE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.
- LÜCK, Heloísa. A gestão participativa na escola/ Heloísa Lück. 6. Ed, 1998.
- MARTURANA, E. M. A criança, o insucesso escolar precoce e a família: condições de resiliência e vulnerabilidade. In: MARTURANO, E. M; LOUREIRO, S. R; ZUARDI, A. W. (Org.). Estudos em Saúde Mental. Comissão de Pós-Graduação em Saúde Mental - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. 1997
- MOREIRA, Antônio F.B. Educação Escolar e culturas: construindo caminhos. Disponível em [http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs.Sala Tópicos Especiais](http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs.Sala_Tópicos_Especiais)
- OUTEIRAL, José. Adolescência: estudos realizados sobre a adolescência. Rio de Janeiro: Reviver, 2003.
- PARO, Vitor Henrique. Administração escolar: introdução crítica. São Paulo: Cortez, 1986.

PARO, Vitor Henrique. Gestão democrática na escola pública. São Paulo: Atica, 2005.

PARO, Vitor Henrique. O conselho de escola na democratização da gestão escolar. In: Escritos sobre educação. São Paulo: Xamã, 2001. p. 79-89.

PEREIRA, Gilson de Almeida. Limites e afetividade. Canoas: Ed Ulbra, 2011.

PERESTRELO, M. Gerir a diversidade no quotidiano da sala de aula. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Série Cadernos de Gestão, 2001.

PICANÇO, Ana Luísa Bibe. A relação entre escola e família: as suas implicações no processo de ensino e aprendizagem, 2012.

ROUDINESCO, Elizabeth. A família em desordem. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SOUZA, Jessé. A Ralé Brasileira: quem é e como vive, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

TOURAINÉ, Alan. Crítica da Modernidade; [trad. Elia Ferreira Ede}. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

TREVISAN, Armarildo Luiz. Filosofia da Educação Ijuí: Ed: UNIJUÍ, 2000.